

CAPOEIRA NA TERRA DE ALEMÃO O REFLEXO CULTURAL E A SOCIALIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA.

*Rogério Reis e Silva**

Este ensaio demonstra a importância da pesquisa social - histórica da capoeira na cidade de Blumenau. Desde as primeiras aparições isoladas, até sua implantação sistematizada, ela sofre várias modificações.

O objetivo é apresentar informações que vem sendo pesquisadas ao longo de dez anos, com o intuito de elaborar uma futura publicação minuciosa sobre a escravidão no estado de Santa Catarina; em particular Blumenau, correlacionando com o surgimento da capoeira na região.

Demonstrar o impacto da cultura negra através da capoeira e algumas ramificações, como as religiões afros, os ritos e costumes na colônia européia do século XIX, e seu reflexo na sociedade contemporânea. Possibilitar a viabilização do grande material existente sobre o tema, demonstrando o início das exibições isoladas da capoeira na cidade de Blumenau

Segundo Freyre, (2000), devido o motivo de ordem econômica após a proclamação da República de 1889, o Conselheiro Rui Barbosa, então Ministro do Governo Provisório, emanou uma circular sob o n.º 29 e com data de 13 de maio de 1891, onde mandou queimar todos arquivos da escravidão. O autor salienta que perde o Brasil esclarecimentos preciosos na constituição histórica sobre o assunto.¹

Essa constituição histórica reflete também na região Sul do país, já que a província de Santa Catarina, teve movimentos escravos como no restante do país.²

*Professor licenciado em Educação Física - FURB
Especialista em Ciência do Movimento Humano
Professor de capoeira 9 anos da Fundação Cultural de Blumenau
Prof_rogerioreis@hotmail.com

¹ Freyre, 2000.p.359

² Ver: Freitas, Patrícia de. Algumas pistas sobre o negro no período colonial através da documentação do arquivo público do estado de Santa Catarina. *Ágora: Revista da Associação de Amigos do Arquivo Público do estado de Santa Catarina* – v.16, n.33/34,2001 – Florianópolis: AAA/SC, 1985, p.58-71

Lá pelos anos de 1920 à 1930, começa surgir então a herança da cultura negra constituída de longos anos de escravidão. Nesta época, a política Nacional sugere e canaliza as energias para o “branqueamento da população”. A vinda de imigrantes incrementa tal ação. Mas devido a 1º Guerra Mundial paralisou-se este processo (Salles, 2003).

Durante o século XIX, as cidades do Vale do Itajaí recebem parte destes imigrantes e a colonização européia inicia o processo de construção na região. A vinda do Dr. Blumenau para o Vale do Itajaí, gera momentos de preocupação com evolução no processo de colonização, mesmo sendo ele contra o trabalho escravo.

...e depois de analisarmos bem, chegamos a um resultado, de que nós sem evitar o alto preço dos diaristas e a insegurança dos trabalhadores “não poderíamos passar sem a ajuda de alguns negros”. Por isto Hackraadt foi logo ao Rio buscar dinheiro e alguns negros, deste trouxe cinco, entre os quais uma mulher que cozinhava, lavava e passava. Os negros nos custam com viagem, etc., 2700 réis, o que não é mau negócio.³

Várias são as contradições do Dr. Blumenau referente a escravidão, acredita-se que o mesmo passou a agir inicialmente conforme a necessidade social em relação a mesma.

Notamos a partir deste momento, vários processos sociais, um deles é o início do processo de aculturação⁴ da comunidade através do escravo que vem para realizar tarefas domésticas na colônia que se instala. Mas como a permanência dos escravos fora limitada a pouco tempo, não houve realmente a complementação do processo, vindo acontecer mais tarde com a introdução da capoeira

O negro, dá a sua contribuição a cidade com a ajuda na mão de obra da instalação da colônia e também nos serviços domésticos. Passado algum tempo,

³ Carta que Hermann Blumenau manda aos seus pais e parentes nos anos de 1846 à 1850, Salomon e Voigt, 2000, pág. 43.

⁴ Aculturação, segundo Oliveira (2001, p.148), é quando dois ou mais humanos de grupos diferentes entram em contato direto e contínuo, geralmente ocorrem mudanças culturais nos grupos, pois verifica-se a transmissão de traços culturais de sociedade para outra.

e não sabendo-se o real motivo, Dr. Blumenau sendo o procurador oficial da colônia proibia a entrada de escravos.

No artigo 12º da proposta de colonização que ele apresentou a Assembléia Provincial de Santa Catarina, em 1848, ainda como procurador da companhia protetora dos imigrantes alemães no Sul do Brasil, Dr. Blumenau escrevia⁵:

Fica desde já e para sempre proibida a entrada de escravos nas terras concedidas pelo governo à companhia e seus colonos para se empregarem a serviços de qualquer natureza, nessas terras ou em serviços domésticos, proibição esta que se estende a aquisições de terras devolutas Nacionais.

No Arquivo Histórico, José Ferreira da Silva em Blumenau, nota-se algum material referente ao escravo e a donos de escravos que demonstram um pouco da história do negro na colônia.

Um documento importante é o atestado de óbito de um dos raros escravos que existiram em Blumenau de nome Rita, escrava de José Henrique Flores, que foi o primeiro presidente da câmara de Blumenau, emitido pelo hospital Blumenau em 15/11/1882, 7 horas da tarde. Consta, ainda, o visto o médico Dr. Bernardo Knoblauch e do enfermeiro Augusto Blomeyer, como também do subdelegado 1º suplente em exercício, Guido Von Seckendorff. Esses documentos e detalhes, são peças importantes no tema, para assim traçar o perfil histórico – social da cidade.

Logo após a década de quarenta surge os primeiros manifestos negros, apesar de termos relatos de notícias isoladas referente ao negro a partir de 1900.

“...esses negros, quando construída a estrada de ferro, por volta de 1906, 1907, que ela foi concluída o primeiro trecho em 1909.

Quem é que iria trabalhar ...? Esse labor foi prestado pelos negros descendentes de escravos que viviam nessa região de Itajaí, de Gaspar de Ilhota. E esses negros, a partir do momento que terminou a construção da ferrovia, lá por idos

⁵No Jornal Santa Catarina de (17/04/1972, p.16), em uma matéria que fala sobre Blumenau e os Escravos, relata que Dr. Blumenau não queria escravos na sua colônia.

dos anos 40 e 50, nos vamos encontrar uma área na região de Blumenau, mais precisamente no morro da caixa da água; uma favela, constituída quase que essencialmente de negros, uma farroupilha como era chamada. Essa farroupilha, aproximadamente quatrocentos e vinte pessoas que ali viviam de uma forma bastante rude, bastante pobre e que ganhavam sua vida trabalhando, em trabalhos (...).simples⁶.

O negro tem seu movimento social desde o início da colonização da cidade, e hoje se observamos, mesmo com o embranquecimento dos adeptos da capoeira, devido ao povo de origem alemã, não morre a essência negra nas suas cantigas e expressões aculturadas a sociedade blumenauense. Em certos momentos da história, fatos interessantes surgem como tentativa de movimentos sociais inclusivos. É o caso da Associação de Classe: União Catarinense dos Homens de Côr, que era a entidade de intercâmbio entre os povos africanos e brasileiros, que foi fundada em Blumenau, em 1962, por ser uma cidade onde não houve no passado nenhuma espécie de escravidão, ou melhor não houve derramamento de sangue de povos de origem africana. Uma entidade científica, à altura, que tem como principal objetivo o interlaço de amizade entre os povos⁷.

O contraste cultural é ainda maior com o lançamento do Jornal “O colored” – 13/02/1963, em Blumenau; intitulado “A mulher negra Africana – concurso miss mulata”.

A partir de 1970, a capoeira como outras manifestações Afros, começam a aparecer no cenário do Vale; e daí em diante ganham grande ênfase na região.

A capoeira nos transporta para vários momentos na história da cidade, as pesquisas em andamento levantam uma possibilidade de aulas sistematizadas a partir da década de oitenta; mas por enquanto, as confirmações são de que as

⁶ Depoimento de Sueli Petry, professora Mestre do curso de História da Universidade Regional de Blumenau

– FURB, gravado em 03/02/2004 no arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau

– SC, com um micro cassette recorder RX

– 550, marca powerpack

⁷ Associação de Classe: União Catarinense dos Homens de Côr Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau

aulas sistematizadas em grupos, nas academias, projetos sociais, surgiram a partir da década de noventa.

No ano de 1972, acredita-se que Blumenau conhece a capoeira e suas vertentes pela primeira vez, com a apresentação do grupo Olodumaré no teatro Carlos Gomes. O Jornal Santa Catarina traz essa exibição relatada.

Aplausos consagram Olodumaré. Espetáculo “Furacões da Bahia”, o grupo Olodumaré estará se apresentando na cidade de Blumenau no próximo final de semana ⁸.

“Os furacões vem dia 04”.

O grupo folclórico de maior sucesso no Brasil, os furacões da Bahia, fará um espetáculo em Blumenau no dia 04. Atualmente esta Curitiba onde teve que estender por mais duas apresentações aos paranaenses. Composto de um corpo de bailarinos de ambos os sexos, seu espetáculo é proibido para menores de dezoito anos, em que pese ser apenas folclore o tema do show. Com muito ritmo, colares, fantasias e muito som, os furacões abrem o espetáculo com o “Navio Negroiro”, cenas em que se vêem os negros arrancados de suas tribos e suas terras, para serem transportados aos navios tumbeiros. Outros quadros apresentados são de Lundu, Maculelê, cangaceiro, Dança Gueirreira, Candomblé, Berimbau Capoeira do Amor, samba de roda, Capoeira e Carnaval⁹.

⁸ Jornal Santa Catarina ANO I N.º 232

– 27/06/1972 p. 8

⁹ Jornal Santa Catarina Ano I N.º 237 – 2 e 3/07/1972 p. 9

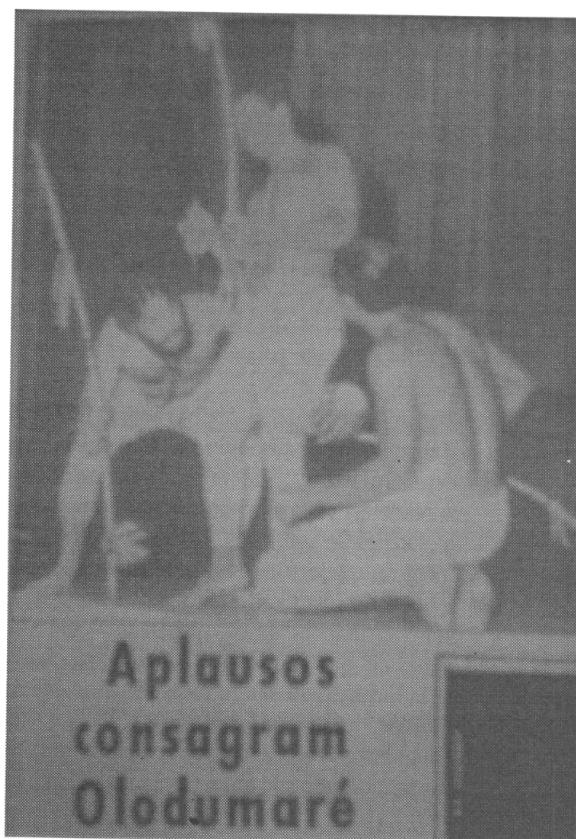


Foto Jornal Santa Catarina 08/07/1972

Olodumaré Sensacional. Aplaudiram de pé gente finíssima, culta como uma grande dama que é Anymary Prayon, acompanhada de seu filho Hans, Arno e Briggitte Bernardes, e o prefeito Hercílio Deeke, filha e genro. Pessoas importantes da cidade, aplaudiram de pé o folclore brasileiro, até Lindolfo Bell estava presente. Apresentação aconteceu no Teatro Carlos Gomes”¹⁰

¹⁰ Jornal Santa Catarina Ano I N.º 242 – 8/07/1972 p. 10

O Grupo Olodumaré apresentou um espetáculo de capoeira, maculelê, samba e outras manifestações afros no teatro Carlos Gomes¹¹, para muita gente famosa na década de 70, conquistando o público presente.

Em 10 de maio 1975, o Jornal Santa Catarina, demonstra a dificuldade das manifestações afros-brasileiras para sua fixação como manifestação no local “Runbalandê mostrará o Candomblé”

O verdadeiro Candomblé da Bahia poderá ter um terreiro em Blumenau, dependendo do número de adeptos se o babalorixá Bunbalandê, Antônio Pimentel resolveu criar um terreiro e acabar com o misticismo que envolve a religião africana que no Brasil faz parte do folclore baiano e é atração turística.

Passando este período, temos uma época que ainda falta a ser pesquisada. Chega a década de noventa, com a capoeira despertando o interesse da população blumenauense.

Começa a aparecer no cenário da cidade pessoas que ajudariam a mudar o percurso social, cultural e esportivo da capoeira. É a época que a capoeira, através das aulas sistematizadas ganhava ênfase. As aulas Implantadas no início da década de noventa, na Fundação Cultural de Blumenau pelo professor Carlos José da Silva, conhecido como “Tigre” despertam interesse do povo blumenauense..

Mas ele não estava sozinho neste trabalho de implantação; Claudiney Márcio Serafim, o “Neizinho” inicia um trabalho de capoeira na Universidade Regional de Blumenau.

Eles começam aos poucos a ganhar adeptos, realizar exibições e atrair capoeiristas de outras regiões do país. Com isso aparecem outros personagens da história da capoeira em Blumenau.

Primeiro, vindo da Bahia; Raimundo Nascimento dos Santos, “Mestre Sardão”, que junto com o professor Tigre, fundaram a 1ª Associação de Capoeira Blumenauense “Os Bambas da Capoeira”. Logo em seguida devido o trabalho ganhar muitos adeptos e campo na cidade, chega Adriano de Jesus Paixão “Contramestre Bião”, também vindo da Bahia através do Mestre Sardão.

¹¹ Teatro principal da cidade de Blumenau.

O trabalho realizado cresce a cada dia, e a capoeira fica cada vez mais conhecida na sociedade blumenauense. Entre os alunos, pessoas que possuem certa influência na cidade, fazem com que a capoeira seja vista com olhos de apreço, rompendo algumas barreiras preconceituosa da região em relação a colonização.

Conta Humberto Crespo dos Santos, aluno da época, e hoje professor “Falco” que, em uma das primeiras rodas de capoeira de rua na cidade, a policia intervinha, interpretando como desordem, desconhecendo o ritual e as características de uma roda de capoeira.

Passado os problemas iniciais de implantação, a cidade começa a entrar no clima da capoeira, com rodas em frente ao Bude¹², que se firma como ponto de referência para as rodas de capoeira na cidade.

No ano de 1994, chega a cidade mais um capoeirista para se juntar ao grupo de baianos que vieram divulgar a capoeira, como também tentar uma luz ao sol, em uma nova terra.

Valter Alves de Oliveira, o “Mestre Serpente” ajuda a divulgação da capoeira e com a partida do Mestre Sardão para Espanha, supervisiona o trabalho da associação.

Em 1996, Mestre Serpente, convida seu irmão, também baiano, Ismael de Oliveira, “Contramestre Dendê” a participar do trabalho já em andamento.

O grupo ganha adeptos, vários alunos, surgem assim os primeiros graduados¹³, agora representado pela “Associação Filhos dos Bambas”; e as exibições pela cidade, como também pelas cidades vizinhas começam a serem exploradas.

Devido a incompatibilidade de políticas de organização, o grupo se separa, e começa um a nova fase da capoeira na cidade.

Surge várias associações, com novos trabalhos de capoeira; entre elas “Corpo e Movimento”, “Muzenza” e a já citada “Filhos dos Bambas” derivada da Associação “Os Bambas da capoeira”.

E mais tarde no final dos anos noventa e início do século XXI, surgem outras associações como “Magia da Bahia” tanto como o ressurgimento da antiga associação “Os Bambas da Capoeira” e novos trabalhos, como do grupo Abadá, Bimbas do Sul, e Grupo Mestre Buda Capoeira.

¹² Choperia localizada na rua XV de novembro no centro da cidade.

¹³ Alunos com mais de cinco anos de prática da capoeira.

Este processo, se torna normal dentro do mundo da capoeira. Basta olharmos para os grandes trabalhos de capoeira no país, onde, suas derivações surgem muitos outros trabalhos. Os praticantes vão buscar a metodologia e política organizacional que melhor se enquadre a suas necessidades. Hobbes, (1979 p.23) afirma “A medida que os homens vão adquirindo uma abundância de linguagem, vão se tornando mais sábios ou mais loucos do que o habitualmente”.

No ano de 1996 o Jornal Santa Catarina, traz uma matéria sobre a capoeira relacionada com a saúde, trazendo seus benefícios também nas qualidades físicas. A capoeira começa ganhar espaço na cidade através do elemento saúde, estética e benefícios corporais. “Capoeira na academia: Em boa forma com muita ginga”¹⁴.

A partir deste período, a cidade adota capoeira como instrumento de projeto social, assegurando lazer, saúde, educação e cultura. Esta variante da cultura, que até o momento atual não era reconhecida pela sociedade blumenauense, passa agora a fazer parte do dia a dia local. Está se recuperando o processo de aculturação iniciada na colonização pelos escravos que construíram as primeiras casas da colônia.

A Fundação Cultural de Blumenau, realiza uma política de descentralização da cultura no início de 1997, surgindo vários focos das oficinas espalhadas pela cidade. Logo o número de adeptos, tanto quanto a popularização da capoeira tem um crescimento acelerado.

Outras entidades, que apoiam fortemente a capoeira nesta época, foram a Secretaria da Criança e do Adolescente (SECREAD) e a Sociedade Promocional de Blumenau do menor trabalhador (PROMENOR), que asseguraram na política da educação, a capoeira como variante de inclusão social para as crianças e os adolescentes.

A capoeira continua sendo manchete em toda a cidade, e no Jornal Santa Catarina de 25/01/1997, ela assegura um bom público em todos os eventos promovidos. “A capoeira foi uma das modalidades que atraiu público no parque”¹⁵

Na mesma época, devido a grande popularização da capoeira, começa aparecer no cenário da cidade, o mesmo fenômeno que acontecia em todo o Brasil. A disputa pelo concorrência de status, alunos e poder. O lema da época era abranger ao máximo, o número de locais com aulas como também número de alunos. E os grupos de capoeira tentam mostrar a superioridade nas ações e divulgação da capoeira.

¹⁴ Jornal Santa Catarina Ano XXV N° 7496 – 17 e 18/03/1996 p.4.

¹⁵ Jornal Santa Catarina Ano XXVI N° 7789 – 25/01/1997 p..caderno B.

Logo este processo foi interrompido pela abertura de variantes que suprisse o mercado de trabalho.

Na divulgação do programa de um evento mensal que a prefeitura municipal de Blumenau realizava, nota-se este processo.

Arte Popular: Programa, que começa as 9h, inclui apresentações de capoeira, teatro, e banda típica¹⁶.

Programação: 9h as 9h 30min – Abertura

11h - Show de Capoeira Grupo Muzenza (entre os pavilhões A e B da Proeb)
- Show de Capoeira Grupo Filhos dos Bambas (entrada do pavilhão C da Proeb)

As apresentações (exibições), quando colocadas nos mesmo evento, tinham seus horários próximos e em locais diferentes para que não houvessem choques de ambos grupos, e até mesmo a divulgação da sua entidade de apoio.

Mas o processo de “rivalidades”, seguindo a linha de pensamento de Oliveira, (2001), só acontece quando há uma diferenciação, superioridade no intelecto, força física ou espírito de liderança. Este processo logo da espaço para o que a capoeira tem de melhor, unir os diversos povos, de diversos línguas, cores, credos em um só momento, sem que precisem falar uma só palavra. É na roda de capoeira que todos são iguais.

O fator de um meio a inclusão social, é sempre enaltecido pelo meio de comunicação do município. E quando a capoeira é o meio de inclusão recebe muita atenção. “Movimento: técnica corporal une dança exercício e foi popularizada pelos escravos”. “Luta de escravos empolga jovens”¹⁷. “Reconhecimento: projeto ajuda crianças carentes a recuperar a alegria de viver”¹⁸

A partir de 1997, a cidade começa a ser palco de muitos eventos de capoeira, não que antes não aconteciam, mais a partir desta data, os eventos são maiores, com dimensões nacionais. Isso deve-se a participação de grupos de capoeira de nível nacional e internacional como o Grupo Muzenza de Capoeira.

¹⁶ Jornal Santa Catarina Ano XXVI N° 7799 – 08/03/1997 p. 8

¹⁷ Jornal Santa Catarina Ano XXVI N° 7968 – 21 e 22/09/1997 p. 4b

¹⁸ Jornal Santa Catarina Ano XXVI N° 8047 – 23/12/1997 Pág. 4b

Com o surgimento do trabalho sistematizado do referido grupo na cidade de Blumenau a partir de 1996, nota-se o maior intercâmbio de capoeiristas na cidade; fazendo com que comecem aparecer revelações locais no meio capoeirístico, tanto como organizações de eventos de porte nacional.

“Festival Resgata Cultura Afro”

1º Festival da Cultura afro-brasileira. Praça de eventos Shopping Neumarkt. 16 de setembro de 2000 (Blumenau). Ginásio Sérgio Luiz Peters. (Indaial) 17 de setembro de 2000¹⁹.

“ Encontro Nacional de Capoeira e Arte na Praça”.

21 e 22 de setembro acontece o 6º Encontro Nacional de Capoeira, organizado pelo Grupo Muzenza e Fundação Cultural de Blumenau. No dia 21 terá as 19h no Auditório Edith Gaertner da FCB, com a palestra sobre “A evolução da capoeira no Brasil”, proferida pelo Mestre Burguês, de Curitiba. No dia 22 acontece rodas de capoeira, batizado e troca de graduação dos alunos, na praça Dr. Blumenau²⁰.

Paralelamente, outros grupos de capoeira divulgam a nossa arte através de reportagens, exibições na TV e em outros meios de comunicação. A capoeira ganha respeito perante a sociedade blumenauense e continua se adaptando ao meio que vive, como manifestação que durante séculos se adaptou as barreiras históricas e sobreviveu. “Tem Alemão na Roda” A cidade do enxainel se rende a ginga da capoeira e seu cenário germânico até inspira canções²¹

¹⁹ Jornal Santa Catarina Ano XXVIII Nº 8895 – 15/09/2000 p.4c

²⁰ Jornal Cultura em Movimento Ano IV Nº 42 – Set/Out / 2001 p.8

²¹ Jornal Santa Catarina Año XXVI Nº 8118 – 18/03/1998 caderno p.c



Foto Jornal Santa Catarina 18/03/1998.

A foto acima demonstra que a capoeira vem se adaptando, ora especificamente a raça, a cenário, a tradição e também a musicalidade da capoeira. Apesar de todas as diferenças, ela cresce de forma organizada e sistematizada. Os capoeiristas na incansável busca da melhora na performance, realizam o intercâmbio com várias cidades do estado, e do país. A capoeira, começa a fazer parte mais intensamente da vida de alguns capoeiristas da cidade, que buscam na profissão de professores de capoeira, o seu sustento.

O aprimoramento técnico, tático e físico na modalidade, faz com que inicie-se vários campeonatos estaduais, nacionais e mundiais.

E sem esperança de resultados, Blumenau segue com uma equipe para o 1º Mundialito de Capoeira, que se realizaria em Curitiba. Na equipe improvisada, a presença de 4 atletas. Blumenau se sobressai e consegue subir ao pódio, representando, a cidade e o estado de Santa Catarina, em um dos maiores eventos de capoeira de todos os tempos, passando a escrever seu nome na história nacional da capoeira.

A blumenauense Michele Rafaela Ramos, a “Estrela”, conquistou o segundo lugar no I Mundialito da Superliga Brasileira de Capoeira, realizado no último final de semana, no

centro de convenções de Curitiba. Michele tem 18 anos, competiu na categoria feminino livre, com quase 80 atletas de 13 países, entre eles o Canadá, Inglaterra, Itália, Argentina, Uruguai, Chile, Estados Unidos, Portugal e Espanha. A “Estrela” de Blumenau é vice-campeã mundial na categoria individual, vice campeã mundial em dupla, e medalha de “destaque do Mundialito”. Aluna graduada do Grupo Muzenza de Capoeira da Fundação Cultural de Blumenau, Michele pratica o esporte desde os 9 anos de idade²²

Na divulgação acima, notamos que a atleta mencionada, praticava capoeira desde os nove anos de idade, demonstrando o trabalho de base, tanto cultural como esportivo que a cidade ofereceu aos praticantes da capoeira. Salientando que a atleta foi uma das primeiras alunas da Fundação Cultural de Blumenau, e que deu continuidade aos treinamentos vindo ser mais tarde umas das principais personagens que divulgaram a capoeira na cidade.

Após o acontecido, mais uma vez os olhos da cidade se voltam para a capoeira, e os meios de comunicação divulgam - na a cada oportunidade. Muitas vezes adiantando os eventos que irão acontecer

“Na Capoeira: Pouca gente sabe, mas Blumenau tem uma vice-campeã mundial de capoeira, um esporte que a cada dia vem conquistando maior numero de praticantes. Michele Rafaela, 18 anos, é a melhor de Santa Catarina e uma das favoritas ao título do Mundial da Argentina, no próximo mês de setembro²³

A capoeira é uma manifestação que a cada dia, mês, e ano, ganha espaço, e passa a fazer parte do patrimônio cultural da cidade. As rodas de capoeira, deixam de serem vistas em frente a choperia do Bude, e passam a ser realizadas em frente ao cartão postal da cidade, a catedral São Paulo Apóstolo. No Jornal Santa Catarina (Caderno especial sobre a Rua XV de Novembro, p.23) datado 31/08/2001; relata o momento de descontração e lazer que a capoeira proporciona ao povo blumenauense.

²²Fonte: Secretaria de Comunicação Social da Prefeitura Municipal de Blumenau .http://cidades-bnu.terra.com.br/materia_completa.asp?id=1966, p. de esportes de Quarta-feira dia 13/09/2000.

²³ Jornal Santa Catarina Ano XXIX – 09/03/2001 p. 8.a

É no Sábado que a gente se encontra”

A beleza, a tradição, a sensação de que algo mudou. Não precisa muito esforço para descobrir que a Rua XV de Novembro realmente elevou o astral do blumenauense. Um bom exemplo ocorre aos sábados pela manhã. Rua cheia, bares lotados, lojas movimentadas, músicos espalhados por todos os lados, arte, cultura nas rodas de capoeira, felicidade. Realmente, a Rua XV mudou muito. O Grupo Muzenza de capoeira também é uma das atrações das manhãs de Sábado, com apresentações nas proximidades da catedral São Paulo Apóstolo. Cerca de 50 capoeiristas balançam ao som Afro. “É uma roda para confraternizar os integrantes e uma atração para a comunidade, diz o professor Rogério.



Foto: Roda de Capoeira em Frente Catedral São Paulo Apóstolo – Blumenau
Jornal Santa Catarina 31/08/2001

Notamos a partir das afirmações acima citadas, que Blumenau absorve a cultura da capoeira. O processo de aculturação está em andamento, talvez já enraizada. Ela se populariza, nas cantigas envolvendo a cidade, locais, personagens. Nota-se que hoje, não se olha mais com olhar de espanto ao encontrar uma roda de capoeira como a 15 anos atrás. E como diziam alguns

turistas que viam a Blumenau por causa da oktoberfest entre 1995 a 2000, - "tem capoeira na terra de alemão!".

A capoeira sem dúvidas, constrói uma história na cidade de Blumenau, e como todas as histórias, vários personagens aparecem. Os que aparecem, são poucos do que ainda virão. A pesquisa com que resultasse este ensaio, ainda esta no começo, mais demonstra que já conseguiu organizar várias informações pertinentes ao assunto. Foram relatados poucos fatos, fotos e publicações de jornais e revistas que existem nos arquivos referente ao estudo. Com o término

da pesquisa teremos informações para uma excelente publicação do referido assunto.

REFERÊNCIAS

Associação de Classe: União Catarinense dos Homens de Côr. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau

Freitas, Patrícia de. **Algumas pistas sobre o negro no período colonial através da documentação do arquivo público do estado de Santa Catarina.** *Ágora: Revista da Associação de Amigos do Arquivo Público do estado de Santa Catarina* – v.16, n.33/34, 2001 – Florianópolis: AAA/SC, 1985, p.58-71

Freyre, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**; 41º ed. – Rio de Janeiro; Record, 2000.p.359

Hobbes, Thomas. *Leviatã ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil.* 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979

Jornais Santa Catarina. Arquivo Histórico de Blumenau.

Jornal Cultura em Movimento Ano IV Nº 42 – Set/Out / 2001 p.8

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. **Introdução a Sociologia.** 24. ed. São Paulo: Ática, 2001

Salles, Ricardo. **Revista trimestral Proposta: História, racismo e ação afirmativa no Brasil,** março/maio 2003, ano 30, nº 96, pág. 07-27.

Salomon, Jaison Marlon e Voigt, André. **Visões do Vale: Perspectivas Historiográficas Recentes.** Cristina Ferreira e Meri Frotsher, org. Nova letra Blumenau – 2000.